

Collez votre code-barres ci-dessous

SciencesPo



ADMISSION AU COLLEGE UNIVERSITAIRE

Samedi 20 février 2016

PORTUGAIS

durée de l'épreuve : 1h30 – coefficient 1

IMPORTANT

Le sujet est paginé de 1 à 3. Veuillez vérifier que vous avez bien toutes les pages.
En cas d'anomalie, avertissez le surveillant.

Les pages centrales contiennent le texte que vous ne devez pas rendre avec votre copie. Aucune annotation ne sera prise en compte.

Les réponses aux questions ne devront pas excéder l'espace qui leur est réservé.

PARTIE RESERVEE A LA CORRECTION

Détail des notes

I. Compréhension du texte /10

II. Essai /10

TOTAL : /20

Note après harmonisation : /20

Commentaires

I. COMPREENSÃO DE TEXTO

Leia atentamente o texto e responda as questões seguintes em português. Use as informações fornecidas pelo texto mas não as recopie.

1. Por que as feministas brasileiras comemoraram a escolha do tema da redação do ENEM?

2. Como reagiu a ala conservadora diante da escolha da questão sobre Simone de Beauvoir?

3. Qual é a imagem da mulher através da mídia?

4. Como foram tratadas as questões de gênero nas escolas e quais foram as reações?

TEXTE A CONSERVER PAR LE CANDIDAT

NE PAS RENDRE LE TEXTE AVEC VOTRE COPIE.
AUCUNE ANNOTATION NE SERA PRISE EN COMPTE POUR LA
CORRECTION.

ADMISSION AU COLLEGE UNIVERSITAIRE

Samedi 20 février 2016

PORTUGAIS

durée de l'épreuve : 1h30 – coefficient 1

Redação do ENEM pode fazer com que mulheres “percebam que não estão sozinhas”, diz pesquisadora

Exame trouxe violência contra a mulher como tema da redação e questão citando Simone de Beauvoir; Advogada e militante da UNEAfro acredita que escolas particulares podem abrir os olhos para essa realidade.

No último domingo (25), o Ministério da Educação (MEC) resolveu abordar o tema da violência contra a mulher no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), uma das principais portas de entrada para diversas instituições de ensino universitário. O tema da redação do exame foi “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” e foi motivo de muita comemoração entre as feministas brasileiras. “Ter a violência doméstica como tema de redação de uma prova que é a entrada para tantas universidades federais no Brasil significa fazer com que 7 milhões de estudantes reflitam sobre isso. Durante a redação, as mulheres tiveram a oportunidade de parar para refletir e, talvez, perceber que não estão sozinhas, que a violência de gênero é real e precisa ser tratada como tal pelo poder público”, disse a educadora do Instituto Paulo Freire Deisy Boscaratto.

De acordo com uma pesquisa do DataSenado, em 2013, 83% das mulheres ouvidas já tinham sofrido violência doméstica. O relato mais comum é o de violência física, com 62%. Violência moral e psicológica foram apontadas por 38% e 39% respectivamente.

Reações conservadoras

Além da redação, uma questão da prova também abordava a questão do feminismo. Ela citava um trecho da obra de Simone de Beauvoir “O segundo sexo” que diz: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”.

Logo a citação foi alvo de críticas dos deputados conservadores Jair Bolsonaro (PP/RJ) e Marco Feliciano (PSC/SP) que acusam o governo de “doutrinação marxista”. “Me parece que a inserção desse texto, uma escolha adrede, artilosa e discrepante do que se tem decidido sobre o que se deve ensinar aos nossos jovens”, disse Feliciano.

Para a advogada e militante da UNEAfro Rosângela Martins a obra da escritora francesa quer alertar para o papel da mulher em uma sociedade patriarcal e de classes. “[Os deputados] distorcem a frase que quer explicar o que é ser mulher numa sociedade de classes, e que, dependendo da sua educação, o seu papel na sociedade já vai estar pré-estabelecido”, explicou.

Boscaratto reforça que a tentativa de chamar o ENEM de doutrinador ou marxista e colocar o feminismo como algo exclusivo da esquerda serve para “manter os privilégios que o patriarcado traz”.

“A importância de falar sobre violência contra a mulher não é algo que contempla só as mulheres de esquerda. Estamos falando de todas as mulheres. A alegação da 'imposição de uma doutrinação feminista' me parece, nesse contexto, um ataque à tentativa do ENEM de colocar em pauta a mulher”, criticou.

Papel da mídia

Não é raro ver mulheres nos telejornais e na publicidade na mídia televisiva e impressa no Brasil. Acontece que normalmente elas são extremamente estereotipadas ou hipersexualizadas, o que faz com que haja uma naturalização da violência e do feminicídio. Essa é a opinião da pesquisadora e psicóloga Rachel Moreno.

“Os programas sensacionalistas reproduzem e exploram a violência e isso tem como consequência a naturalização. Fora que há sempre uma suspeita do comportamento moral da mulher que eventualmente justifique um ato de violência. Na publicidade o que acontece é uma exploração do corpo da mulher. Temos um comportamento mostrando que a mulher tem que se exibir pra chamar a atenção e

o quanto que isso é desejável. Além de criar um certo padrão de beleza que é impositivo porque é autoritário e que não tem a ver com a mulher brasileira”, criticou.

Ela ainda aponta que em várias democracias que colocaram em prática a regulamentação da mídia existem pontos que proíbem a reprodução de violência sexual, psicológica, patrimonial, moral e de estereótipos e preconceitos contra a mulher.

Um novo momento?

Desde 2011, quando o Ministério da Educação vetou o kit anti-homofobia nas escolas, a questão de gênero tem sido amplamente debatida nos planos estaduais e municipais de educação. Na capital paulista, por exemplo, pressões de setores conservadores fizeram com que o texto original do plano municipal fosse alterado sem que tivesse qualquer menção a questão de gênero.

Martins reforça que os cursinhos populares sempre se preocuparam com a formação política dos alunos e sempre tentam fazer os recortes de gênero, raças e classe e que a escolha dos temas do ENEM podem também influenciar outros cursinhos a adotarem essa visão mais progressista.

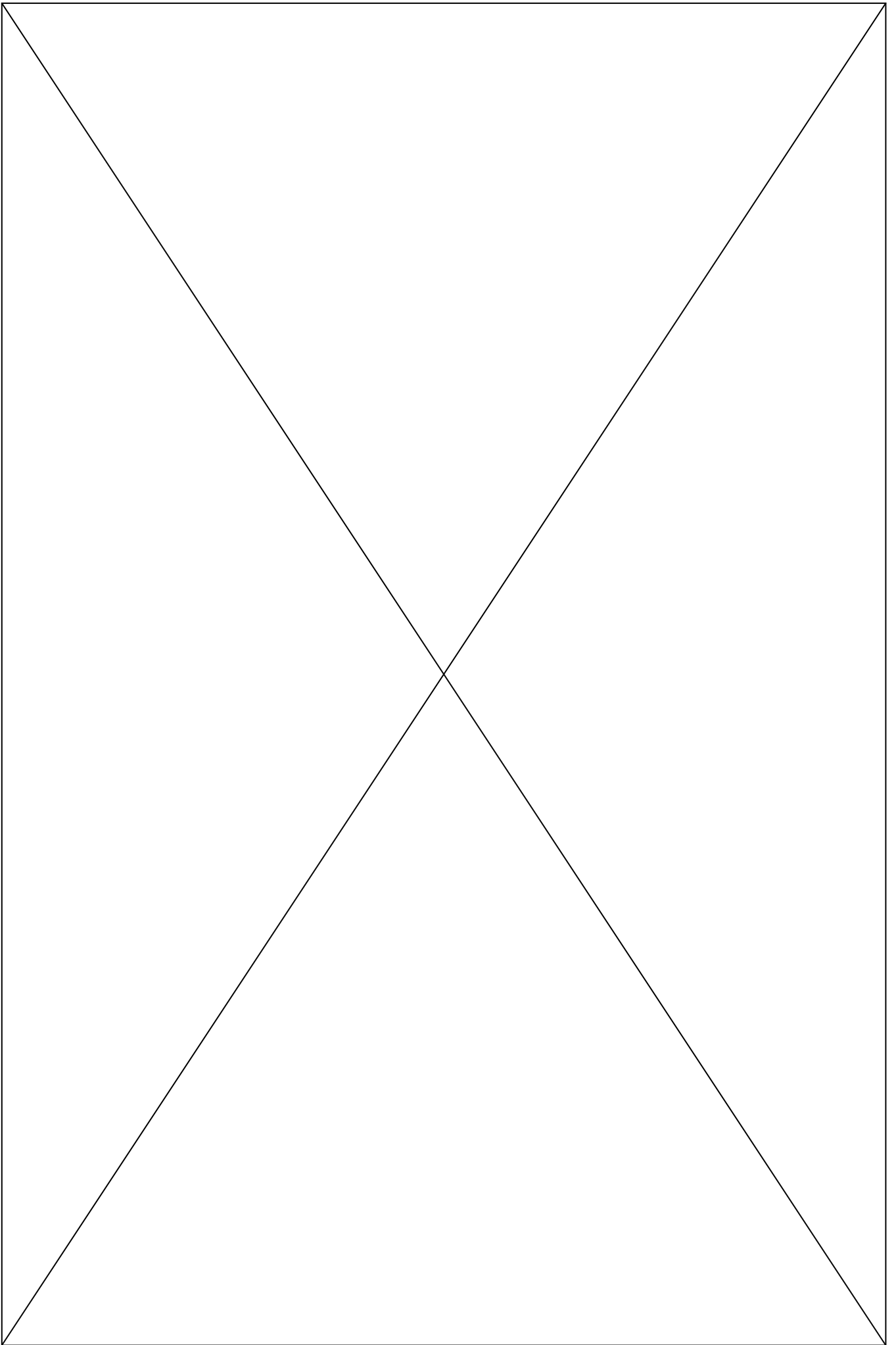
Para Boscaratto, com a escolha do tema da redação, o MEC tomou uma posição nesse debate político entre forças conservadoras e progressistas. Mas a pesquisadora se mostrou cética quanto a uma mudança de direção na estrutura da educação do país.

“Estamos longe de ter o apoio da sociedade brasileira nas questões de direitos humanos. Ela também é, assim como Bolsonaro, racista, machista, homofóbica e classista. O ENEM, sozinho, não tem como mudar estas posturas, elas têm que ser mudadas durante toda a formação do ser humano. Mas apontar essa postura como problemática já é um grande avanço”, destacou.

Bruno Pavan

Brasil de Fato, São Paulo, 28 de outubro de 2015

<http://www.brasildefato.com.br/node/33305>



Lined writing area for the exam.